

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2021

## “NEM TUDO QUE RELUZ É OURO<sup>1</sup>”: UMA ANÁLISE DO PROFETISMO PRATICADO POR BALAAO A PARTIR DO USO DO NOME DE YAHWEH EM NÚMEROS 22.13 E SUA RELAÇÃO COM A CONTEMPORANEIDADE

“Not everything that glitters is gold”: an analysis of prophetism practiced by Balaam from the use of Yahweh’s Name in Numbers 22.13 and its relationship to contemporary

*Me. Jefferson J. R. Rodrigues<sup>2</sup>*

*Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz<sup>3</sup>*

### RESUMO

O profetismo é uma prática amplamente difundida por toda a Bíblia. Tanto

<sup>1</sup> Esta frase é tirada de um adágio popular brasileiro que visa ensinar que nem tudo o que aparente ser possuidor de alto valor, de fato, o é.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia. Especialista em Teologia e Interpretação Bíblica. Especialista em Estudos, movimentos sociais e cultura. Bacharel em Teologia. Licenciado em História. Professor de História e Teologia na rede pública e privada de Teresina-PI. E-mail: [historiacomcristo@hotmail.com](mailto:historiacomcristo@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Teologia e Doutora (EST- Escola Superior de Teologia); Pós-doutoranda (PUC/PR); Pedagoga (UNIJUÍ/RS); Teóloga (FABAPAR/PR). Professora de Teologia (Faculdade Batista Pioneira – IJUÍ/RS); Professora Mestrado (FABAPAR – Curitiba/PR); Editora da revista Ensaios Teológicos – (Faculdade Batista Pioneira - Ijuí/RS). E-mail: [marivete@batistapioneira.edu.br](mailto:marivete@batistapioneira.edu.br)

no Antigo como no Novo Testamento, são apresentados homens e mulheres que foram verdadeiros arautos do Deus de Israel. Contudo, há outros personagens que igualmente dizem falar em nome de Yahweh, um deles é Balaão. Tais personagens são ambíguos e, em muitos casos, podem parecer legítimos representantes de Deus. Assim, fez-se uma análise da relação entre Balaão – um suposto profeta de Deus – e Yahweh a partir da apropriação que este vidente fez do nome sagrado desta Divindade, conforme descrito na narrativa do texto bíblico em Números 22.13. Outrossim, nesta pesquisa ainda foi estabelecida a relação entre as práticas de Balaão, que dizia falar em nome de Yahweh, e a de pessoas que afirmam ser representantes de Deus na contemporaneidade. Desta forma, Balaão foi apresentado como um exemplo de relação com Yahweh a ser evitada por todos aqueles que se colocam como verdadeiros mensageiros de Deus.

**Palavras-chaves:** Profeta. Balaão. Yahweh. Escrituras.

## ABSTRACT

Prophetism is a widespread practice throughout the Bible. Both the Old and New Testaments present men and women who were true heralds of the God of Israel. However, there are other characters who also claim to speak of Yahweh. One of them is Balaam. Such characters are ambiguous and, in many cases, may appear to be legitimate men of God. Thus, this work will seek to understand the relationship between Balaam - a supposed prophet of God - and Yahweh from the appropriation that this seer made of the sacred name of this Deity, as described in the narrative of Numbers 22.13. Furthermore, this research will establish the relationship between the practices of Balaam, who claimed to speak in the name of Yahweh, and those of people who claim to be representatives of God in contemporary times. In this way, Balaam will be presented as an example of a relationship with Yahweh to be avoided by all those who place themselves as true messengers of God.

**Keywords:** Prophet. Balaam. Yahweh. Scriptures.

## INTRODUÇÃO

O profetismo tem sido objeto de constantes reflexões nos últimos anos na academia, e vários autores têm discorrido sobre esse tema.<sup>4</sup> Estuda-se

<sup>4</sup> SCHÖKEL, Luis Alonso; DIAZ, José Luis Sicre. **Profetas I:** Isaias y Jeremias. Madrid:

o modo como estes profetas exerciam sua influência junto as sociedades de seu tempo, bem como os métodos utilizados por eles para entrarem em contato com a Divindade. Contudo, um caso tem causado inquietação entre os pesquisadores: trata-se de Balaão, o vidente de Baal Peor. Esta inquietação é fruto da forma abrupta com que este homem é inserido na história de Israel, bem como a maneira com que ele parece exercer a atividade profética junto ao povo de Yahweh.<sup>5</sup>

Neste artigo será analisado a relação entre Balaão e o Deus de Israel conforme registrado no livro bíblico de Números, nos capítulos 22-24, especialmente, no versículo 13 de Números capítulo 22. Nesta perícopé, pode parecer que se abre a possibilidade para a compreensão de que Balaão é um legítimo profeta de Yahweh. Esta premissa parece ficar mais evidente a partir do uso constante que Balaão faz do nome sagrado do Deus de Israel – Yahweh. Deste modo, utilizar-se-á o método de pesquisa qualitativa e bibliográfica para que se apure as implicações possíveis entre o que é apresentado pelo versículo 13 de Números capítulo 22 e as práticas de Balaão. Além disso, valer-se-á de recursos exegéticos, quando necessário, para que se apresente o sentido histórico-gramatical do texto bíblico de Números 22.13, com a finalidade de extrair o sentido mais próximo do que era pretendido pelo autor sacro.

Algumas perguntas devem ser levantadas a fim de que se explique melhor a perícopé em análise neste artigo, são elas: quais eram as funções requeridas de um legítimo profeta de Yahweh? Só havia profetas em Israel, mas e Balaão? O que a história e as Escrituras judaico-cristã revelam sobre este personagem? Por fim, seria Balaão um legítimo profeta de Yahweh? Estas perguntas não esgotam as possibilidades de questionamentos a serem levantadas, contudo, tais demandas podem ser propostas em pesquisas posteriores.

Este artigo será dividido em cinco tópicos, sendo que no primeiro, será apresentado um debate em torno da função de um profeta e sua descrição a partir de questões etimológicas e atuação social. No segundo momento, abordar-se-á o fenômeno do profetismo nas nações vizinhas a Israel a partir do contexto mesopotâmico, enfatizando a singularidade da profecia entre

---

Cristandad, 1980; SICRE, José Luis. **O profetismo em Israel: O profeta. Os profetas. A mensagem.** 2.ed. Tradução de João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>5</sup> WENHAN, Gordon J. **Números: introdução e comentário.** Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1985, p.172.

os hebreus. No tópico três e quatro, serão trabalhadas especificamente questões sobre o personagem Balaão, tais como: sua origem, suas práticas, a apropriação feita por ele, do nome Yahweh e por fim, a autenticidade ou não do ministério profético exercido por este vidente. No quinto tópico, tomar-se-á o exemplo de Balaão como um paradigma negativo de profetismo e que serve como um alerta a todos aqueles que falam em nome de Deus na atualidade. Outrossim, sabe-se que não será possível esgotar todas as possibilidades de abordagem quanto a Balaão e sua enigmática aparição no texto sagrado, contudo, pretende-se com este artigo, apresentar mais uma possibilidade para compreender a complexa atuação deste personagem bíblico.

## 1. ENTRE O CÉU E A TERRA: DEFININDO A EXPRESSÃO E FUNÇÃO DOS PROFETAS

O termo profeta é usado nas páginas da Bíblia hebraica para definir alguém que fale em nome do Deus de Israel. Para Soares, o termo “profeta” é mais bem definido pela palavra hebraica *nābî`* (נָבִיא).<sup>6</sup> Koehler e Baumgartner, salientam o uso recorrente da expressão *nābî`* nas Escrituras hebraicas, a saber: cerca de 315 vezes.<sup>7</sup> O significado de tal termo é um tanto incerto, porém, segundo Culver, “a ideia essencial da palavra é a de ‘porta voz autorizado’ ou ‘oficial’”.<sup>8</sup> Este porta voz autorizado, poderia falar tanto em nome de uma autoridade humana, como principalmente, de um deus.

Outros termos aparecem através das páginas do Primeiro Testamento, referindo-se também aos profetas. Salienta-se que estas palavras são usadas com menos frequência que *nābî`*, porém, deve-se apresentá-las para que se compreenda o caráter polissêmico do termo profeta a partir do idioma hebraico. Deste modo, o profeta é identificado também com as seguintes expressões: vidente (O termo hebraico que descreve vidente é “roeh ou hozeh”. Este termo pode ser analisado a partir da raiz *חָזַן* (*hāzâ*) que significa “olhar, ver, contemplar, profetizar, prover”<sup>9</sup>); homem de Deus (*ʾish ʾēlôhîm* - אִישׁ אֱלֹהִים); servo de Yahweh (*eved Yhvh* -

<sup>6</sup>SOARES, Esequias. **O ministério profético na Bíblia**: a voz de Deus na Terra. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 29.

<sup>7</sup>KOEHLER; BAUMGARTNER, 1994-2000, p. 661.

<sup>8</sup>CULVER, Robert D. **Nabi**. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; et al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 906.

<sup>9</sup>CULVER, hfzjf (*hāzâ*). In: HARRIS; ARCHER; et al, 1998, p. 445.

יהוה (עֲבָד); mensageiro de Yahweh (*mal`q Yhwh* - יהוה מַלְאָךְ); **Atalaia** (*netatiha* - נְתַתִּיחַ); Filho do Homem (*bem`adam* - בֶּן אָדָם).

Mesmo diante da multiplicidade de termos acima expostos, percebe-se que o substantivo *nābî`* tornou-se o termo padrão para identificar o verdadeiro profeta do Deus Yahweh. Portanto, entre os hebreus, *nābî`* era homem ou mulher que se apresentava e falava como um porta voz do Deus de Israel, obtendo o reconhecimento da comunidade de que suas palavras representavam uma mensagem divinamente autorizada.

A versão grega do Antigo Testamento, Septuaginta – identificada também pela sigla LXX – traduziu *nābî`*, *roeh* ou *hozeh* pelo substantivo grego *prophetes*. A palavra *prophetes* é formada do verbo *phemi*, “falar; dizer”, mais o prefixo pro, “diante; para frente”.<sup>10</sup> Este termo foi amplamente utilizado no Novo Testamento para definir a figura dos profetas neotestamentários. Coenen e Brown afirmam que a palavra *prophetes* ocorre 144 vezes nas páginas do Novo Testamento, sendo aplicada para identificar a atividade tanto dos profetas do Antigo Testamento, quanto de João Batista, Jesus Cristo, de pessoas que possuem uma missão especial (e.g. Simeão e Ana na narrativa de Lucas 2) e por fim, profetas existentes nas comunidades cristãs.<sup>11</sup>

Assim, o profeta do Antigo Testamento e do Novo Testamento<sup>12</sup> é um proclamador da palavra, a quem Deus comissionou para advertir, para exortar, para consolar, para ensinar e para aconselhar a comunidade de crentes. Deve-se destacar que o verdadeiro profeta, na perspectiva judaico-cristã, tem suas atividades vinculadas exclusivamente a Deus, não se submetendo as vontades de autoridades humanas.<sup>13</sup> Estes arautos também se diferenciavam pela exclusividade em sua adoração, não se “contaminando” com o culto a outros deuses e denunciando enfaticamente tal prática.

Percebe-se que o profeta era um personagem que tinha uma importante função entre os israelitas, especialmente, a partir do avanço deste povo em direção a conquista de Canaã. Contudo, ao observar os relatos bíblicos e recentes pesquisas arqueológicas, percebe-se que entre os povos vizinhos

<sup>10</sup> SWEENEY, Marvin A. **The Prophetic Literature**. Nashville: Abingdon Press, 2005, p. 28.

<sup>11</sup> COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1883.

<sup>12</sup> COENEN; BROWN, 2009, p. 1883.

<sup>13</sup> COMBLIM, José. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 34.

aos Israelitas, poderia ser visto práticas que podem ser descritas como um tipo de profetismo. Deste modo, é necessário para a melhor compreensão de Balaão e de sua atuação que se faça um breve relato da religiosidade entre os mesopotâmicos.

## 2. O CONTEXTO RELIGIOSO MESOPOTÂMICO

O palco onde se observou a eclosão destas manifestações primárias de um tipo de profecia foi o Oriente Próximo, região onde esteve localizada algumas das civilizações mais antigas do mundo, como por exemplo a egípcia e diversas civilizações mesopotâmicas. Sabe-se que havia profetas entre os Assírios, Egípcios e Cananeus, todos buscando encontrar em suas divindades, respostas para suas angústias e incertezas, sempre presentes nestas comunidades.<sup>14</sup>

Havia multiplicidade e singularidade entre as manifestações religiosas entre os povos mesopotâmicos. Contudo, alguns elementos comuns a todas estas religiões, podem ser elencados nos seguintes pontos<sup>15</sup>: a) certo número de poderosos deuses antropomórficos que possuem vontade pessoal; b) divindades astrais como Sol, Lua, Vênus, sendo vistos como seus deuses principais; c) a dependência individual e coletiva da ação dos deuses para amenizar as agruras do cotidiano destas civilizações e d) pode-se apresentar a busca por favores divinos através de rituais “mágicos”, consulta dos mortos, dos astros, órgãos de animais mortos, uso de amuletos e sacrifícios; tudo com o propósito de conseguir o favor de alguma divindade.<sup>16</sup>

As descobertas arqueológicas do século XX trouxeram algumas novas percepções de como estes povos lidavam com o sobrenatural. Entre tais descobertas, destaca-se o achado de 20.000 tabletas de argilas em 1936, contendo em alguns destes tabletas a descrição de cartas nas quais apresentavam comunicações entre o último rei de Mari, Zinri-Lim, com Hamurabi, da Babilônia. Estas cartas ficaram conhecidas como Cartas de Mari.<sup>17</sup> Muitos especialistas têm analisado tais cartas, visando apresentar sua

<sup>14</sup> PETERLEVITZ, Luciano R. Introdução ao profetismo. **Revista Theos**: Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campina. Campinas: 5.ed, V. 4 - Nº 1 - Junho de 2008, p. 2; WILSON, Robert R. Profecia e sociedade no Antigo Israel. 2.ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Targumim / Paulus, 2006, p. 117.

<sup>15</sup> FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Tradução de José Xavier. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 44-45.

<sup>16</sup> WALTKE, 2015, p. 31-48.

<sup>17</sup> NEHER, Andre. **La esencia del profetismo**. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 26.

relação direta com a profecia de Israel, porém, nada de conclusivo pode ser dito, a não ser alguns aspectos sociológicos do modo de ação destes profetas.<sup>18</sup>

As cartas de Mari, apresentam como os profetas desta comunidade agiam em relação aos seus oráculos. Eles falavam em nome da divindade, especialmente Dagan, e reproduziam mensagens e presságios que tinham como foco trazer consolo, exortação ou correção para as autoridades reais. Foher afirma que estes profetas: “[...] pertenciam a uma classe de homens e mulheres que recebiam mandatos da divindade, com cujo templo eles estavam associados, por meio de presságios, sonhos ou visões e experiências extáticas, que transmitiam em forma de oráculos”.<sup>19</sup>

Foher<sup>20</sup> aponta alguma similaridade entre a profecia israelita e os vaticínios proferidos pelo Apilu (profeta de Mari), sendo, portanto, o equivalente em Mari do *nābî`* israelita. Contudo, não se pode levar esta similaridade ao extremo. A proximidade entre estes profetas em Mari com os profetas de Israel limita-se a forma e não a essência. Deve-se compreender que de acordo com a perspectiva judaico-cristã, os profetas israelitas representavam a voz do verdadeiro Deus e, portanto, todas as demais manifestações tinham a sua essência adulterada com vozes distorcidas, com origens humanas ou até mesmo demoníacas. Schökel e Diaz fortalecem a distinção entre os profetas de Israel e os de Mari ao afirmar que,

A diferença radical entre Mari e Israel temos de descobri-la também no conteúdo, na enorme distância entre o enunciado pelos profetas israelitas e as proclamações dos mensageiros de Mari [...] o anúncio profético, incondicional, do juízo assinala traço jamais inigualável [...] os profetas israelitas não interpelam apenas o rei; é o povo inteiro que fica comprometido. O profeta do AT não se conforma com realizações exteriores, exige transformação interior; não calcula o número de cordeiros imolados, exige urgentemente sensibilidade para com os oprimidos, relacionamentos recíprocos de respeito e lealdade. Não existe em Mari, maior preocupação por dar cunho ético às exortações dos deuses.<sup>21</sup>

Para que os profetas mesopotâmicos adquirissem o favor de seus deuses,

<sup>18</sup> WILSON, 2006, p. 129.

<sup>19</sup> FOHRER, 1982, p. 276.

<sup>20</sup> FOHRER, 1982, p. 279.

<sup>21</sup> SCHÖKEL; DIAZ, 1980, p. 26.

era comum o uso de rituais que forçariam os deuses a emitir uma resposta aos clamores do vidente. Entre as diversas formas de consulta (ou adivinhações) que notabilizou a profecia pagã, encontravam-se a lecanomância (leitura do futuro pela figura do azeite derramado numa taça sagrada), a hepatoscopia (a leitura do futuro pelos riscos do fígado de animais sacrificados aos ídolos), a observação do comportamento dos animais, ou ainda a consulta de árvores sagradas, como era o caso dos cananeus<sup>22</sup> práticas bem distintas daquelas comuns aos profetas em Israel. Através destas ações, os profetas mesopotâmicos esperavam receber uma resposta de seus deuses para as inquietações presentes entre o povo, como: casamentos, colheita, comércio e até mesmo o tempo de ir para guerra.<sup>23</sup>

O texto bíblico também mostra outros meios como a raddomancia ou o uso de varas ou flechas, exemplo que pode ser observado no texto de Ezequiel 21.21, o qual relata que o rei da Babilônia estava num local no qual havia dois caminhos e para saber por onde ir, a fim de conquistar a Terra Santa, sacodiou as flechas, além de consultar os ídolos do lar e examinar o fígado. Quanto às flechas, havia várias maneiras de usá-las, a saber, “elas podiam ser lançadas ou sacudiadas a fim de descobrir para qual caminho apontavam”.<sup>24</sup> As flechas ainda foram objetos usadas simbolicamente quando o rei Jeoás foi ao encontro de Eliseu, que estava doente (2Rs 13.14ss).

Outra forma pela qual os povos pagãos buscavam a compreensão da vontade divina era através da adivinhação. Esta prática atingiu o povo hebreu o que pode ser observado no texto bíblico em Gênesis 44.5. Neste texto o relato mostra que José tinha uma taça de adivinhações<sup>25</sup>, independentemente se a usava ou não. Para Wiersbe, “um homem piedoso como José não usaria de qualquer forma de adivinhação e nem precisava fazê-lo”.<sup>26</sup>

Vê-se no caso de rei dos Moabitas, Balaque, a busca pela resposta as suas inquietações beligerantes, justamente através da ação do profeta Balaão, alguém que demonstrará em suas práticas as raízes não israelitas de seus atos.

<sup>22</sup> SICRE, 2002, p. 31.

<sup>23</sup> SICRE, 2002, p. 29.

<sup>24</sup> WALTKE, 2015, p. 39.

<sup>25</sup> Esse tipo de adivinhação pode ter ligação com a *hidromancia* e, neste caso, seria a leitura do líquido deixado na taça, pois os povos antigos criam que o líquido deixado na taça poderia prever o futuro da pessoa que havia feito o uso da taça (WALTKE, 2015, p. 45). A hidromancia ou a arte de ler a sorte por desenhos provenientes da água era utilizada por povos na antiguidade.

<sup>26</sup> WIERSBE, 2008, vol. 1, p. 209.



Deste modo, é preciso voltar-se para a vida deste vidente para logo após analisar suas ações através do bíblico.

### 3. BALAÃO E SUA ORIGEM

Uma possível origem para o nome Balaão pode ser encontrada a partir de uma análise etimológica do termo hebraico *'bil 'am'*. A junção das palavras hebraicas *belá'* e *'am*, significam "destruição do povo", desta forma, Balaão é um nome que, analisado etimologicamente, conduz o povo para a perdição espiritual, pois a sua reputação entrou para a história como aquele que conduziu o povo para a destruição espiritual.<sup>27</sup> As Escrituras citam 51 vezes o nome Balaão. É possível notar a citação deste personagem nos textos de Números 22-24; 31.8, 16; Deuteronômio 23.5,6; Josué 13.22; 24.9,10; Miquéias 6.5; Neemias 13.2; 2 Pedro 2.15; Judas 11 e Apocalipse 2.14. Em todas estas citações, há sempre uma referência negativa às ações praticadas por este personagem.

O surgimento de Balaão na narrativa bíblica aconteceu num contexto peculiar, no qual, o povo de Israel avançava em direção as conquistas prometidas por Yahweh (Nm 22.1ss). Assim, após a libertação do cativo egípcio, os israelitas seguiam sua marcha em direção à Terra prometida. De acordo com o relato de Números 22, percebe-se o avançar do povo de Israel em direção a conquista do território prometido por Yahweh. Este povo avançava pelas planícies do Jordão e de Jericó. O povo de Yahweh já havia saído vitorioso ante batalhas travadas contra os reis de Seom e Ogue, adquirindo as terras de Arnon até o monte Hermon. A notícia das vitórias israelitas, espalhou-se rapidamente entre os povos da região e o rei dos Moabitas, Balaque, começou a temer por suas terras (Nm 22.3).

Este temor a princípio, parecia infundado, pois anteriormente o povo de Israel já tinha passado pacificamente pela região de Moabe (Nm 21.13). Contudo, movido pelos conselhos dos anciãos midianitas e movido pelo temor interno, Balaque decidiu contratar um "profeta" mesopotâmico para que amaldiçoasse o povo de Israel. O vidente escolhido foi Balaão, filho de Beor. De acordo com as Escrituras, Balaão morava em Petor (Nm 22.5), uma localidade que o faz ter certa proximidade com a terra de onde o patriarca Abraão havia habitado: Harã, na Mesopotâmia. Segundo Pfeifer e Vos:

<sup>27</sup>HARRIS; ARCHER, 2012, p. 187.

Após consultar seus aliados midianitas, ele [Balaque] enviou uma embaixada a Petor em Amá, parte da Mesopotâmia [...]. Se a identificação de Petor com Tell Ahmar perto de Carquemis for comprovadamente correta, isto iria localizar a casa de Balaão perto de Harã, que fora uma vez a casa de Abraão.<sup>28</sup>

A ideia que se pode tirar a partir da suposta localização da casa de Balaão é que ele morava em Harã, na Mesopotâmia. Como já visto anteriormente, esta era uma região onde a idolatria era reinante. Por este motivo, o Senhor chama a Abraão para que saia deste lugar e siga para uma terra nova direcionada pelo próprio Deus (Gn 12.1). Partindo deste pressuposto e levando-se em consideração as mais recentes descobertas arqueológicas na cidade de Deir'Alla, que identifica um certo Balaão, filho de Peor, como o “profeta dos deuses”, pode-se deduzir que o papel desenvolvido por este adivinho era muito semelhante a outros prognosticadores que existiam na região. Sobre o achado arqueológico em Deir'Alla, lugar situado na atual Jordânia, é válido destacar que:

A inscrição, escrita sobre massa, com tinta preta e vermelha, está conservada precariamente [...] a primeira linha do texto atribui os conteúdos a Balaão filho de Beor, que é chamado vidente dos deuses [...] Segundo o texto, os deuses vieram a Balaão de noite, e pelo menos um deles lhe deu uma mensagem conturbadora.<sup>29</sup>

Por esta descoberta arqueológica e pela descrição contida nela, percebe-se duas situações, sendo a primeira delas a ideia de que Balaão não era um profeta do Deus de Israel, pois ouvia vozes “dos deuses”. Sobre este ponto, Wilson informa que: “Os deuses que falaram a Balaão parecem ter sido os deuses principais de Deir'Alla, o vidente pode ter desempenhado algum papel na estrutura social central e pode ter exercido funções de manutenção social”.<sup>30</sup> A segunda dedução que se pode tirar das inscrições na estela de Deir'Alla, é que há uma possibilidade de que “um Deus” tenha falado com ele e isto o tenha deixado perturbado.

A descrição contida na estela de Deir'Alla é muito similar ao texto de Números 22.8 que relata: “E ele [Balaão] lhes disse: Passai aqui esta noite, e

<sup>28</sup> PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F; et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 11.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 258.

<sup>29</sup> WILSON, 2006, p. 165.

<sup>30</sup> WILSON, 2006, p. 166.

vos trarei a resposta, como o Senhor me falar; então os príncipes dos moabitas ficaram com Balaão” (Nm 22.8). Naquela noite, Deus falou a Balaão para que não amaldiçoasse ao povo de Israel (v.13) e ele entendeu que não poderia seguir com aquela comitiva moabita. É possível que este profeta pagão, tenha realmente ouvido a voz do Deus de Israel naquela situação e em outras que seguem no texto. Porém, a ideia central do texto não é enfatizar a obra de Balaão, antes, porém, em todos os pontos expostos na narrativa de Números 22-24 foca-se na máxima de que Deus é soberano e era Ele quem guardava o povo de Israel das investidas dos seus inimigos.

Assim, pode-se classificar Balaão como um falso profeta. Contudo, vê-se que este vidente faz uso do nome sagrado do Deus dos hebreus – Yahweh – na narrativa de Números 22-24. Cabe, portanto, analisar as razões que levaram este profeta mesopotâmico a apropriar-se deste nome tão caro para os judeus, mas que assume um caráter pessoal na boca de Balaão, fazendo-o parecer um legítimo profeta de Yahweh.

#### 4. BALAAO E O NOME SAGRADO DE YAHWEH

Quando o leitor se debruça sobre a narrativa de Números, entre os capítulos 22 e 24, logo saltará aos olhos o uso constante que o texto faz dos nomes sagrados do Deus dos hebreus. Em alguns lugares, Balaão cita o nome próprio do Deus dos israelitas, Yahweh, e em outros, apresenta nomes genéricos como El, Elohim, Elyon e Shaddai.<sup>31</sup> Desta forma, na perícopes de Números 22-24 encontra-se a seguinte distribuição dos nomes de Deus: a) em Números 22.2-21,36-41, observa-se 4 vezes a referência ao nome Yahweh, 6 vezes ao nome Elohim; b) em Números 22.22-35, o nome sagrado Yahweh é apresentado 12 vezes, enquanto Elohim apenas 1 vez; c) em Números 23.1-30, há 8 vezes a referência ao nome Yahweh, 3 vezes Elohim, e o nome genérico El aparece 4 vezes e, d) em Números 24.1-25 já aparecem outros nomes genéricos de Deus, por exemplo, 1 vez Elohim, 4 vezes El, 2 vezes Shaddai e 1 vez Elyon, porém, o nome sagrado Yahweh aparece 5 vezes.

Conforme já exposto, na narrativa de Números 22-24 observa-se 29 vezes

<sup>31</sup> SOUZA, Geraldo de Oliveira. **Balaão** - o que o ouve as palavras de El, tem o conhecimento de Elyon, e vê a visão de Shaddai: um estudo de Números 22-24. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Escola de comunicação, educação e humanidades do programa de pós-graduação de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo dos Campos, 2016, p. 245.

o uso do nome Yahweh e na perícopa de Números 22, encontra-se 4 vezes o nome Yahweh. Não obstante, um destes usos chama a atenção pois Balaão chama Yahweh de meu Deus. Assim diz o texto:

וַיַּעַן בַּלְעָם וַיֹּאמֶר אֱלֹהֵי עַבְדִּי בְּלָק אִם־יִתְּנֶהֱלִי בְּלָק מָלֵא בֵיתוֹ  
כֶּסֶף וְזָהָב לֹא אוֹכֵל לְעַבְדִּי אֶת־פִּי יִהְיֶה אֱלֹהֵי לַעֲשׂוֹת קִטְנֹת אוֹ  
גְדוֹלוֹת:

Balaão, porém, respondeu aos conselheiros de Balaque: "Mesmo que Balaque me desse o seu palácio cheio de prata e de ouro, eu não poderia fazer coisa alguma, grande ou pequena, que vá além da ordem do **SENHOR [Yahweh] meu Deus (Nm 22.18, NVI)**.

Colen destaca que o Deus dos hebreus se revelou a Moisés através do nome hebraico יהוה (YHWH) em Êxodo 3.14. Este nome passou a ser tão sagrado para os hebreus que eles evitavam pronunciá-lo, pois o seu uso vulgar traria consigo castigos da parte de Yahweh.<sup>32</sup> Diante da sacralidade advinda deste nome, não era esperado que um judeu comum ou um pagão mesopotâmico, como Balaão, pudesse fazer uso deste título. Deste modo, a ligação entre Balaão e o nome de Yahweh é intrigante e leva o leitor a questionar a legitimidade do adivinho de Peor. Alguns comentaristas<sup>33</sup> compreendem que Balaão ao usar o nome de Yahweh como “meu Deus” estava disposto a servi-lo. Porém, ao analisar o contexto geral, esta parece ser uma hipótese menos provável.<sup>34</sup> Contudo, alguns problemas ou questionamentos surgem a partir do uso do nome próprio do Deus dos israelitas por Balaão, tais como: a) de que modo ele conhecia esta divindade? b) o uso do nome sagrado Yahweh pode indicar que ele era um verdadeiro profeta do Senhor?

Para responder as indagações acima, deve-se partir da premissa que o uso do nome Yahweh feito pelo vidente de Peor, implica que ele já tinha conhecimento prévio dos feitos deste Deus – o que não significa que tinha disposição em servi-lo fielmente. Uma hipótese possível sobre este conhecimento, pode ser levantada a partir das conquistas dos hebreus durante sua peregrinação em direção à Terra Prometida. Percebe-se que grandes feitos foram realizados pelo Deus de Israel e tal notícia espalhou-se chegando até as campinas de Moabe, conforme afirmado pelo próprio rei Balaque (Nm 22.3,4).

<sup>32</sup> COLEN, R. Allan. **Êxodo**: introdução e comentário. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 67.

<sup>33</sup> WENHAN, 1985, p. 175.

<sup>34</sup> WILSON, 2006, p. 182.

Quanto a fidelidade profética de Balaão a Yahweh, pode-se buscar a resposta para esta indagação a partir de uma análise sobre a religiosidade e o profetismo praticado na região de onde este vidente se originou: Mesopotâmia. Defende-se que Balaão faz uso do nome sagrado do Deus dos israelitas como uma forma de encantamento, prática comum entre os adivinhos do Oriente próximo.<sup>35</sup> É possível que Balaão, como alguém experiente em artes mágicas, tenha tentado se apropriar do nome próprio de Yahweh com o intuito de tomar posse do poder desta Divindade. Souza afirma que: “[...] o uso de um nome no Oriente antigo, ocasionalmente, tinha associações mânticas. Se alguém sabia o nome do outro, particularmente o nome de uma divindade, então ele tinha alguma influência, alguma reivindicação”.<sup>36</sup> Deste modo, é provável que Balaão ao invocar o nome próprio do Deus dos hebreus, buscasse de algum modo, controlar seus poderes a fim de obter favores em sua empreitada em amaldiçoar os israelitas.

Para Wilson, Balaão nada mais é do que um entre tantos videntes existentes na Mesopotâmia, contudo, ele possuía maior destaque que os demais.<sup>37</sup> Corroborando com esta ideia, tem-se a opinião de Soares afirmando que Balaão era “um feiticeiro, cartomante, prognosticador conhecido nos países vizinhos pelos sortilégios e pelas adivinhações e por essa razão foi contratado pelo rei Balaque, dos moabitas, para amaldiçoar a Israel”.<sup>38</sup> De acordo com Neher

[...] Balaão não é um profeta bíblico; Ele é um falso profeta por vários motivos, e um deles é justamente que tem sucesso com sua magia. Deve-se enfatizar que para que não recorrer a práticas mágicas é um dos sinais autênticos do verdadeiro profeta da Bíblia.<sup>39</sup>

Percebe-se com esta análise, que o uso do nome sagrado de Deus por Balaão não o fez um legítimo profeta de Yahweh, até porque, a própria Escritura estabelece critérios para a definição de quem verdadeiramente pode ser enquadrado profeta do Deus de Israel (Dt 18.9-14). De acordo com as orientações contidas na perícopa do texto bíblico em Deuteronômio 18.10,11, os israelitas deveriam evitar pessoas que “[...] pratique adivinhação, ou dedique-

<sup>35</sup> SOUZA, 2016, p. 262.

<sup>36</sup> SOUZA, 2016, p. 249.

<sup>37</sup> WILSON, 2006, p. 182.

<sup>38</sup> SOARES, 2010, p. 73.

<sup>39</sup> NEHER, 1984, p. 26.

se à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium ou espírita ou que consulte os mortos” (NVI). Tais pessoas deveriam ser punidas com rigor, pois eram vistas como falsos profetas. As descrições deuteronomicas podem facilmente encaixar-se com os relatos bíblicos sobre Balaão, enquadrando-o como falso profeta.

Outra questão que merece ser levantada, é que alguns princípios podem ser elencados através do texto sagrado para definir algumas características dos verdadeiros profetas de Yahweh. Neste artigo, destaca-se pelo menos quatro destas características, a saber: a) o legítimo profeta não busca agradar aos ouvintes, mas falar a partir da mensagem que recebeu de Deus (Mq 2.11); b) não confiar em si mesmo, mas mostra-se dependente de Deus e, por isso, é obediente à palavra Divina (Jr 28.1-17); c) não trocar sua mensagem por vantagens pessoais, pois não tem a profecia como profissão, mas como chamado de Deus (Am 7.2-14); e d) sua mensagem impactava primeiramente o próprio profeta, levando-o a viver de modo santo e comprometido com a Palavra de Deus (Jr 23.14; Os 1.2-9; Am 3.18). Portanto, se percebe que o vidente de Peor não poderia ser alinhado a tais exigências com base em sua trajetória.

As práticas proféticas de Balaão são estranhas ao padrão escriturístico. Ao observar as narrativas de Números 22-24, se observa que Balaão mostrou por diversas vezes que seu coração era mesopotâmico e idólatra. Este vidente, utilizava-se de formas exóticas para consultar a Yahweh, lembrando que as mesmas práticas eram utilizadas por prognosticadores mesopotâmicos que buscavam resposta de seus deuses. De acordo com Wilson

Em Josué 13.22, Balaão é chamado explicitamente de adivinho (אִוִּינִי – qôsem) e narra-se a sua morte durante a conquista [...] a morte de Balaão teria sido vista não como um acidente de batalha, e sim como cumprimento da Lei deuteronomica. Dt 18.9-14 proíbe explicitamente que adivinhos sirvam de intermediários em Israel. Eles são abominação (hb. *tô ‘ebah*) que não se permite existir no país. Assim está claro que a espécie intermediária representada pela figura tradicional de Balaão não era aceitável em círculos efraimitas, onde, como o veremos, somente o profeta (hb. *nabi*) era considerado intermediário legítimo.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> WILSON, 2006, p. 186.

Para Wilson, não é possível imaginar Balaão sendo um dos profetas aprovados pelo Senhor Yahweh.<sup>41</sup> Contudo, é importante destacar que mesmo diante desta impossibilidade, se acredita que verdadeiramente o Senhor usou a Balaão em profecia, e isso foi feito não para mostrar a intimidade deste homem com Deus, mas para mostrar a soberania do Eterno Deus em relação a toda a criação do universo. Assim, se percebe que esta situação, ressalta que o SENHOR é Deus sobre tudo e todos, não importa que seja um adivinho pagão ou o próprio Diabo (Jó 1.12).

Ao analisar o texto bíblico, pode-se concluir que o vidente de Peor ouviu a voz de Deus e teve visões pelo Espírito de Deus (Nm 24.2), porém, seu coração ainda estava nas artes mágicas, pois ele continuava usando “encantamentos” para falar com o sobrenatural (Nm 24.1); Além disso, seu coração estava nas riquezas, ainda que tenha rejeitado uma proposta inicial de bens materiais (Nm 22.18). Portanto no desenrolar das narrativas bíblicas, se observa que ele foi o responsável por armar uma estratégia que levou os israelitas a queda espiritual (Nm 31.16), tudo a fim de cumprir os desejos de seu coração pervertido.<sup>42</sup>

No Novo Testamento, tem-se o veredicto de Pedro sobre o verdadeiro caráter deste profeta. Para o “apóstolo pescador”, o nome Balaão pode ser visto como sinônimo de perversão moral e espiritual, sendo equivalente as práticas pecaminosas existentes entre alguns cristãos em seus dias. Veja a advertência petrina:

[...] pois que tais homens têm prazer nos deleites quotidianos; nódoas são eles e máculas, deleitando-se em seus enganos, quando se banqueteam convosco; tendo os olhos cheios de adultério, e não cessando de pecar, engodando as almas inconstantes, tendo o coração exercitado na avareza, filhos de maldição; os quais, deixando o caminho direito, erraram seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça (2Pe 2.13-15, ARC).

O próprio Jesus afirmou que muitos profetizariam e fariam muitos sinais em seu nome, porém, isso não seria medidor de aprovação do Senhor (Mt 7.22,23). Desta forma, Jesus estava afirmando que a profecia poderia vir até de fontes não confiáveis, pois a fonte seria julgada, mas a mensagem que viria

<sup>41</sup> WILSON, 2006, p. 186.

<sup>42</sup> WENHAN, 1985, p. 176.

do Pai atingiria seu objetivo. Este, parece ser o caso de Balaão; por muitas de suas atitudes pode-se perceber que a profecia viria da fonte certa e serviria como testemunho para aquelas nações inimigas de Israel, porém, o “profeta” seria uma “fonte rota” utilizada pelo Senhor para mostrar o seu Poder entre aqueles homens.

## 5. UMA APLICAÇÃO PRÁTICA PARA A CONTEMPORANEIDADE

Viu-se através dos pontos descritos acima, que Balaão não era um legítimo profeta de Yahweh. Contudo, percebeu-se também que ele realmente falou em nome do Deus dos hebreus. Este ponto leva o leitor a questionar-se sobre a possibilidade de que alguém fale em nome de Deus, mesmo não sendo um profeta do Senhor.

Esta é uma possibilidade real e comprovada na Palavra de Deus. Deve-se lembrar mais uma vez, que Jesus afirmou que nem todo aquele que fala em nome do Senhor é um praticante de sua vontade (Mt 7.21-23). Assim, o profeta Balaão falou autenticamente em nome de Yahweh, porém, suas ações o levaram a ser visto como um enganador, alguém que passou para a história como o representante da imoralidade e perversão espiritual, como afirmou o Apóstolo Pedro (2Pe 2.13-15). A Igreja de Cristo deve compreender que não é porque alguém fala em nome do Senhor que é de fato um servo dele. Deve-se observar acima de tudo a fidelidade deste falante aos preceitos divinos revelados nas Escrituras. Por isso, as palavras de Jesus devem ecoar no coração de todos aqueles que ouvem ou falam em nome do Senhor: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.21, NVI).

Vibert diz que para o apóstolo Pedro, Balaão tinha “[...] talento profético, mas com desejo de usar os dons de Deus, a fim de alcançar objetivos pessoais”.<sup>43</sup> Este é um perigo que pode rondar alguns daqueles que fazem a obra de Deus na atualidade. É preciso guardar o coração para que o privilégio de falar em nome de Deus, não se torne motivo para que se busque ganhos pessoais a qualquer preço, como fez Balaão. A vaidade e arrogância podem tomar conta do coração de todos que tem a responsabilidade de falar em nome Cristo. Por isso é preciso fixar os olhos no dono da chamada e não nos possíveis benefícios

<sup>43</sup> VIBERT, Simon. **Balaão**. In: GARDNER, Paul. Quem é quem na Bíblia: a história de todas as personagens da Bíblia. 18.ed. São Paulo: Vida, 2014, p. 86.



que ela porventura traga.

É preciso que se tenha cuidado com o autoengano, a fim de justificar práticas que não agradam a Deus. Aqueles que falam em nome de Cristo não podem justificar suas práticas errôneas simplesmente porque continuam a "ouvir a voz de Deus". Lembre-se que esta voz pode estar soando como uma advertência e um convite a mudança de atitude. Balaão, de fato, ouviu a voz de Yahweh. Mas seu autoengano e o desejo de satisfazer a si mesmo, acabou por impedir que ele passasse para história como um legítimo profeta de Yahweh.

Por fim, Balaão ficou reconhecido por conduzir o povo de Deus ao adultério espiritual. Este é um alerta máximo. A função do legítimo profeta de Yahweh é conduzir o povo em santidade ao Senhor e não os direcionar à morte espiritual. Independente das consequências que surjam, cabe àquele que fala em nome do Senhor, entregar a mensagem sem machas, mesmo que isso custe um preço elevado. Balaão não somente auto enganou-se, como levou o povo de Israel às práticas pecaminosas.

Vibert afirma que, "o juízo mais rigoroso está reservado para os que conscientemente induzem outros ao erro. Como aconteceu com Balaão, as consequências do pecado finalmente os apanham (cf. Nm 31.8; Js 13.22)".<sup>44</sup> Neste ponto, segue um alerta para todos que desejam ser usados pelo Senhor: a comunhão e fidelidade a Deus é mais importante que o trabalho que faz para Ele. Para Pedro, todas estas práticas eram sinônimas de alguém que seguiria o caminho pervertido pelo qual Balaão fez o povo de Deus passar. Assim, não é pelo fato de Deus usar alguém em sua obra que este é um verdadeiro profeta de Yahweh. É preciso estar alerta aos seus frutos de justiça diante do Senhor. Finaliza-se trazendo a memória o alerta de Jesus sobre o que realmente importa para Ele: "Contudo, alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, mas porque seus nomes estão escritos nos céus" (Lc 10.20, NVI).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisou-se o caso de Balaão, conforme descrito no livro dos Números 22-24, enfocando sua apropriação do nome sagrado do Deus de Israel: Yahweh. Definiu-se que Balaão, de fato, ouviu a voz de Yahweh, porém, em razão de suas práticas ainda estarem vinculadas ao modelo idólatra utilizado por videntes mesopotâmicos não é possível definir que ele era um

<sup>44</sup>VIBERT, 2014, p. 86.

legítimo profeta do Deus de Israel.

Ficou claro que, conforme os testemunhos de outros textos bíblicos como de 2 Pedro 2.13-15 e Judas 11, que o nome Balaão tornou-se sinônimo de perversão espiritual entre os israelitas. Por isso, pode-se ver em Balaão o caminho inverso daquele que deve ser trilhado por todos aqueles que procuram falar em nome de Deus e fazer a sua santa vontade. É preciso que o profeta de Deus se mantenha fiel aos preceitos bíblicos e seja um fiel mensageiro das palavras do Eterno.

Sabe-se, contudo, que o tema é amplo e que é possível que outros pesquisadores cheguem a uma conclusão diversa da que foi apresentada neste artigo. Porém, diante do exposto até aqui, acredita-se ter sido levantados argumentos relevantes para justificar uma posição que veja em Balaão a figura de mais um adivinho mesopotâmico e não de um legítimo profeta de Yahweh.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo temas em concordâncias**. Nova Versão Internacional. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**: Versão Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. Vol. 1 e 2.

COLEN, R. Allan. Êxodo: introdução e comentário. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1980.

COMBLIM, José. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2009.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Tradução de José Xavier. São Paulo: Paulinas, 1982.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia**: a história de todas as personagens da Bíblia. 18.ed. São Paulo: Vida, 2014.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; et al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova,

2012.

KAYLOR, R. D. **Jesus the prophet: his vision of the kingdom on earth.** Louisville, Westminster: John Knox, 1991.

NEHER, Andre. **La esencia del profetismo.** Salamanca: Sígueme, 1975.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F; et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe.** 11.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

PETERLEVITZ, Luciano R. Introdução ao profetismo. **Revista Theos: Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campina.** Campinas: 5.ed, V. 4 - Nº 1 - Junho de 2008. ISSN: 1908-0215.

SCHÖKEL, Luis Alonso; DIAZ, José Luís Sicre. **Profetas I: Isaias y Jeremias.** Madrid: Cristandad, 1980.

SICRE, José Luis. **O profetismo em Israel: O profeta. Os profetas. A mensagem.** 2.ed. Tradução de João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOARES, Esequias. **O ministério profético na Bíblia: a voz de Deus na Terra.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

SOUZA, Geraldo de Oliveira. **Balaão** - o que o ouve as palavras de El, tem o conhecimento de Elyon, e vê a visão de Shaddai: um estudo de Números 22-24. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Escola de comunicação, educação e humanidades do programa de pós-graduação de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo dos Campos, 2016.

SWEENEY, Marvin A. **The Prophetic Literature.** Nashville: Abingdon Press, 2005.

VIBERT, Simon. **Balaão.** In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia: a história de todas as personagens da Bíblia.** 18.ed. São Paulo: Vida, 2014.

WENHAN, Gordon J. **Números: introdução e comentário.** Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1985.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no Antigo Israel.** 2.ed. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Targumim / Paulus, 2006.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional